

ECLETISMO E NOVAS TÉCNICAS: ESTAMPILHA E ESTAMPAGEM

33

Diversos azulejos da primeira metade do século XIX parecem ainda ser os herdeiros da padronagem pombalina e neoclássica mais simplificada, como os vulgares azulejos chamados de «bicha da praça» ou de «estrela e bicha» e as suas diversas variantes, muito usados em cozinhas e espaços utilitários. Outros começam a revestir fachadas logo no início do século, como em prédios nas Ruas de São João da Mata e das Janelas Verdes (Lisboa). Dois raríssimos padrões ainda apresentam caráter Neoclássico, como um de invulgar expressão gráfica [101-1658] ou um de admirável desenho e colorido muito concentrado [101-1654]. Durante o segundo quartel, aparecem criações simplificadas ou discretas, como um modelo de fundo branco que parece estar coberto de miosótis, o qual era enquadrado por tarjas com fitas azuis e brancas e usado tanto em interiores como em fachadas [101-3486]. É deste período outro original padrão e a respetiva cercadura, com graciosos motivos florais [101-2459].

Uma família ornamental que se destacou neste século foi a dos motivos florais [101-3177], geralmente muito coloridos e de grande efeito decorativo, que podem ser estilizados, como no belíssimo padrão que forma quadrados oblíquos de fundo roxo ou verde alternados [101-1149]. Outras vezes, estes motivos vegetais assumem uma expressão mais naturalista, como de ramagens com campainhas floridas, dispostas oblíqua e sucessivamente cruzadas, sugerindo trepadeiras sobre as paredes [101-166] ou noutra variante de ramos floridos, de cores diferentes nos painéis [101-3105 e 101-3321], aparecendo por vezes elementos florais



101-1654



101-1149



101-166



101-3105

soltos [101-1700]. O padrão com cravos amarelos estilizados deve ser mais tardio [101-1266]. Estão ainda representados outros tipos, como um com fitas entrelaçadas e pequenos florões [101-1649]; outro apenas azul, de desenho fino [101-3678]; e um mais comum [101-3677].

Em Lisboa, onde a Real Fábrica de Louça, ao Rato, se extinguiu em 1835, mantiveram-se em laboração outras antigas oficinas, como a da Bica do Sapato, que passou a chamar-se Fábrica Roseira, e a da Calçada do Monte. Novas manufaturas apareceram durante o período Liberal, como a Constância, em 1836, e a Viúva Lamego, em 1849. A produção de Lisboa utilizou essencialmente o método da estampilha manual, realizada com trincha sobre papel recortado que era colocado na superfície dos azulejos, nos exemplares mais cuidados retocados a pincel, o que possibilitava a reprodução rápida da decoração e permitiu uma produção vastíssima e extremamente variada ao longo de todo o século XIX, geralmente policroma, mas recorrendo por vezes apenas ao azul tradicional.

Na região do Porto, a industrialização avançou nas fábricas do Carvalhido (1853) e das Devesas, com decorações de estampagem mecânica de cores fortes e variadas, por vezes com sugestões persas, como um magnífico painel das Devesas, com placas de dimensão superior à normal e cercadura apropriada, de belíssimo efeito decorativo [101-1922]. Também em Aveiro é introduzida a produção industrial, na Fábrica Aleluia, criada no início do século XX, presente através de um vistoso padrão [101-1319], o qual foi igualmente produzido no Porto.



101-1266



101-1922



101-1319